

## 4. Michel Tournier e o Mundo sem Outrem

O animal parou de repente de mastigar, guardando entre seus dentes uma longa gramínea. Escarneceu, em seguida, com sua barba e se levantou sobre suas patas traseiras. E assim deu alguns passos em direção a Sexta-feira, agitando no vácuo seu casco dianteiro, sacudindo seus imensos cornos como se estivesse, de passagem, saudando uma multidão. Esta mímica grotesca gelou de surpresa Sexta-feira. O animal estava apenas a alguns passos dele quando se deixou cair para a frente, tomando ao mesmo tempo um impulso de catapulta em sua direção. Sua cabeça mergulhou entre as patas da frente, seus cornos apontaram em forquilha e ele voou em direção ao peito de Sexta-feira como uma grande flecha, guarnecida de penas e de peles. Sexta-feira se lançou para a esquerda numa fração de segundo tarde demais. Um fedor almiscarado envolveu-o...<sup>1</sup>

Estas páginas assim tão belas contam a luta de Sexta-feira com o bode. Sexta-feira sairá ferido, mas o bode morrerá, "o grande bode está morto". E Sexta-feira anuncia seu projeto misterioso: o bode morto voará e cantará, bode voador e musical. Para o primeiro ponto do projeto, ele se serve da pele, depilada, lavada, polida, esticada sobre uma estrutura de madeira. Amarrado a uma vara de pescar, o bode amplifica o menor movimento da linha, assumindo a função de uma gigantesca rolha celeste, transcrevendo as águas sobre o céu. Quanto ao segundo ponto, Sexta-feira serve-se da cabeça e das tripas, faz deles um instrumento que coloca em uma árvore morta a fim de produzir uma sinfonia instantânea cujo único executante deve ser o vento: é assim que o rumor da terra é, por sua vez, transportado no céu e se torna um som celeste organizado, pansonoridade, "música verdadeiramente elementar"<sup>2</sup>. Destas duas ma-

1. *Vendredi ou les limbes du Pacifique*, Gallimard, 1967, p. 161.

2. p. 171.

neiras o grande bode morto libera os Elementos. Observar-se-á que a terra e o ar desempenham menos o papel de elementos particulares do que o de duas figuras completas opostas, cada qual reunindo, por conta própria, os quatro elementos. Mas a terra é o que os encerra e os estreita, contém-nos na profundidade dos corpos, enquanto que o céu, com a luz e o sol, leva-os ao estado livre e puro, liberados de seus limites para formar uma energia cósmica de superfície, uma e, contudo, própria a cada elemento. Há, por conseguinte, um fogo, uma água, um ar e uma terra terrestres mas também uma terra, uma água, um fogo, um ar aéreos ou celestes. Há um combate entre a terra e o céu, em que está em jogo o aprisionamento ou a liberação de todos os elementos. A ilha é a fronteira ou o lugar deste combate. É por isso que é tão importante saber de que lado vai pender; se será capaz de derramar no céu seu fogo, sua terra e suas águas e de se tornar ela própria solar. O herói do romance é a ilha tanto quanto Robinson, tanto quanto Sexta-feira. A ilha muda de figura no curso de uma série de desdobramentos, não menos do que Robinson que muda de forma no curso de uma série de metamorfoses. A série subjetiva de Robinson é inseparável da série dos estados da ilha.

O termo final é Robinson feito elementar em sua ilha, ela própria entregue aos elementos: um Robinson de sol na ilha tornada solar, uraniano em Urano. O que importa aqui não é, por conseguinte, a origem, mas, ao contrário, o desfecho, o alvo final, descobertos através de todo tipo de avatares. É a primeira grande diferença em relação ao Robinson de Defoe. Observou-se freqüentemente que o tema de Robinson em Defoe não era somente uma história, mas o "instrumento de uma pesquisa": pesquisa que parte da ilha deserta e que pretende reconstituir as origens e a ordem rigorosa dos trabalhos e das conquistas que delas decorrem com o tempo. Mas é claro que a pesquisa é duas vezes falseada. De um lado, a imagem da origem pressupõe o que ela pretende engendrar (cf. tudo o que Robinson tirou dos restos do naufrágio). De outro lado, o mundo re-produzido a partir desta origem é o equivalente do mundo *real*, isto é, econômico ou do mundo tal como seria, tal como deveria ser se não existisse a sexualidade (cf. a eliminação de toda sexualidade no Robinson de Defoe)<sup>3</sup>. Será preciso concluir a partir daí que a sexualidade é o único princípio fantástico capaz de fazer desviar o mundo da ordem econômica rigo-

3. Sobre o Robinson de Defoe, cf. as observações de Pierre Macherey, que mostra como o tema da origem está ligado a uma reprodução econômica do mundo e a uma eliminação do fantástico em proveito de uma pretensa "realidade" deste mundo: *Pour une théorie de la production littéraire*, ed. Maspéro, pp. 266-275.

rosa fixada pela origem? Em suma, em Defoe a intenção era boa: o que pode ocorrer a um homem só, sem Outrem, em uma ilha deserta? Mas o problema estava mal colocado. Pois, ao invés de levar um Robinson assexuado a uma origem que reproduz um mundo econômico análogo ao nosso, arquétipo do nosso, seria preciso conduzir um Robinson assexuado a fins *completamente diferentes e divergentes* dos nossos, em um mundo fantástico tendo ele próprio desviado. Colocando o problema em termos de fim e não de origem, Tournier se proíbe de deixar Robinson abandonar a ilha. O fim, o alvo final de Robinson é a "desumanização", o encontro da libido com os elementos livres, a descoberta de uma energia cósmica ou de uma grande Saúde elementar, que não pode surgir a não ser na ilha e ainda na medida em que a ilha se tornou aérea e solar. Henry Miller falava destes "vagidos de recém-nascidos dos elementos fundamentais hélio, oxigênio, silício, ferro". E sem dúvida há um pouco de Miller e mesmo de Lawrence neste Robinson de hélio e de oxigênio: o bode morto já organiza o vagido dos elementos fundamentais.

Mas o leitor tem também a impressão de que esta grande Saúde de Robinson de Tournier esconde algo, que não é em absoluto milleriano ou lawrenciano. Não seria este *desvio* totalmente essencial que ela implica, inseparável da sexualidade desértica? O Robinson de Tournier se opõe ao de Defoe por três traços que se encadeiam com rigor: ele é relacionado a fins, a alvos, ao invés de sê-lo a uma origem; ele é sexuado; estes fins representam um desvio fantástico de nosso mundo, sob a influência de uma sexualidade transformada, ao invés de uma reprodução econômica de nosso mundo sob a ação de um trabalho continuado. Na verdade, este Robinson não faz nada de perverso; e, contudo, como nos desembaraçarmos da impressão de que ele é perverso, isto é, segundo a definição de Freud, aquele que desvia quanto aos fins? Era a mesma coisa, em Defoe, referir Robinson à origem e fazê-lo produzir um mundo conforme ao nosso; é a mesma coisa em Tournier referi-lo a fins e fazê-lo desviar, divergir quanto aos fins. Referido às origens, Robinson deve necessariamente reproduzir nosso mundo, mas, referido aos fins, ele desvia necessariamente. Estranho desvio que não é, contudo, daqueles de que nos fala Freud, uma vez que é solar e toma como objeto os elementos: tal é o sentido de Urano. "Se fosse preciso necessariamente traduzir em termos humanos este coito solar, seria conveniente definir-me sob as espécies femininas e como a esposa do céu. Mas este antropomorfismo é um contra-senso. Em verdade, no supremo grau em que acedemos, Sexta-feira e eu, a diferença de sexo está ultrapassada e Sexta-feira pode

identificar-se a Vênus, do mesmo modo como podemos dizer em linguagem humana que me abro à fecundação do Astro Maior”<sup>4</sup>. Se é verdade que a neurose é o negativo da perversão, a perversão, de seu lado, não seria o elementar da neurose?

O conceito de perversão é bastardo, semijurídico, semi-médico. Mas nem a medicina, nem o direito ganham nada com isso. No interesse renovado hoje por um tal conceito, parece que procuramos em uma estrutura da perversão mesma a razão de sua relação eventual muito ambígua, tanto com a justiça como com a medicina. O ponto de partida é este: a perversão não se define pela força de um desejo no sistema das pulsões; o perverso não é alguém que deseja, mas que introduz o desejo em um outro sistema e faz com que ele desempenhe, neste sistema, o papel de um limite interior, de um foco virtual ou de um ponto zero (a famosa apatia sádica). O perverso não é um eu que deseja, mais do que o Outro, para ele, não é um objeto desejado, dotado de existência real. O romance de Tournier não é, contudo, uma tese sobre a perversão. Não é um romance de tese. Nem um romance de personagens, uma vez que não há outrem. Nem um romance de análise interior, Robinson tendo muito pouca interioridade. É um surpreendente romance cômico de aventuras e um romance cósmico de avatares. Ao invés de uma tese sobre a perversão, é um romance que desenvolve a tese mesma de Robinson: o homem sem outrem em sua ilha. Mas a “tese” encontra tanto mais sentido quanto mais anuncia aventuras ao invés de se referir a uma origem suposta: que vai ocorrer no mundo insular sem outrem? Procuraremos, pois, primeiro o que significa outrem por seus *efeitos*: buscaremos os efeitos da ausência de outrem na ilha, induziremos os efeitos da presença de outrem no mundo habitual, concluiremos o que é outrem e em que consiste sua ausência. Os efeitos de outrem são, por conseguinte, as verdadeiras aventuras do espírito: um romance experimental indutivo. Então, a reflexão filosófica pode recolher o que o romance mostra com tanta força e vida.

O primeiro efeito de outrem é, em torno de cada objeto que percebo ou de cada idéia que penso, a organização de um mundo marginal, de um arco, de um fundo que outros objetos, outras idéias podem sair segundo leis de transição que regulam a passagem de uns aos outros. Olho um objeto, em seguida me desvio; deixo-o voltar ao fundo, ao mesmo tempo em que se destaca do fundo um novo objeto da minha atenção. Se este novo objeto não me fere, se não vem me chocar com a violência de um projétil (como quando bate-

4. p. 185.



mos em alguma coisa que não vimos), é porque o primeiro objeto dispunha de toda uma margem em que eu sentia já a preexistência dos seguintes, de todo um campo de virtualidades e de potencialidades que eu já sabia capazes de se atualizarem. Ora, um tal saber ou sentimento de existência marginal não é possível a não ser por intermédio de outrem. “Outrem é para nós um poderoso fator de distração, não somente porque nos desconcerta sem cessar e nos tira de nosso pensamento intelectual, mas também porque basta a possibilidade da sua aparição para lançar um vago clarão sobre um universo de objetos situados à margem de nossa atenção, mas capaz a qualquer momento de se tornar o centro dela”<sup>5</sup>. A parte do objeto que não vejo, coloco-a ao mesmo tempo como visível para outrem; tanto que, quando eu tiver feito a volta para atingir esta parte escondida, terei alcançado outrem por trás do objeto, para dele fazer uma totalização previsível. E os objetos atrás de mim, sinto que eles se ligam e formam um mundo, precisamente porque visíveis e vistos por outrem. E esta *profundidade* para mim, segundo a qual os objetos se invadem ou mordem uns aos outros e se escondem uns atrás dos outros, eu a vivo também como sendo uma *largura possível* para outrem, largura em que se alinham e se pacificam (do ponto de vista de uma outra profundidade). Em suma, outrem assegura as margens e transições no mundo. Ele é a doçura das contigüidades e das semelhanças. Ele regula as transformações da forma e do fundo, as variações de profundidade. Ele impede os assaltos por trás. Povoia o mundo de um rumor benevolente. Faz com que as coisas se inclinem umas em direção às outras e de uma para a outra encontrem complementos naturais. Quando nos queixamos da maldade de outrem, esquecemos esta outra maldade mais temível ainda, aquela que teriam as coisas se não houvesse outrem. Ele relativiza o não-sabido, o não-percebido; pois outrem para mim introduz o signo do não-percebido no que eu percebo, determinando-me a apreender o que não percebo como perceptível para outrem. Em todos estes sentidos é sempre por outrem que passa meu desejo e que meu desejo recebe um objeto. Eu não desejo nada que não seja visto, pensado, possuído por um outrem possível. Está aí o fundamento de meu desejo. É sempre outrem que faz meu desejo baixar sobre o objeto.

O que ocorre quando falta outrem na estrutura do mundo? Só reina a brutal oposição do sol e da terra, de uma luz insustentável e de um abismo obscuro: “a lei sumária de tudo ou nada”. O sabido e o não-sabido, o percebido e o não-percebido enfrentam-se em termos absolutos, num

combate sem nuances; “minha visão da ilha está reduzida a si mesma, o que não vejo é uma incógnita absoluta, em todos os lugares onde não estou atualmente reina uma noite insondável”<sup>6</sup>. Mundo cru e negro, sem potencialidades nem virtualidades: é a categoria do possível que se desmoronou. Ao invés de formas relativamente harmoniosas, saindo de um fundo para a ele voltar segundo uma ordem do espaço e do tempo, nada mais do que linhas abstratas, luminosas e contundentes, nada mais do que um sem-fundo, rebelde e sugador. Nada além de Elementos. O sem-fundo e a linha abstrata substituíram o modelado e o fundo. Tudo é implacável. Tendo cessado de se estender e se curvar uns em direção aos outros, os objetos se erguem ameaçadores; descobrimos então maldades que não são mais as do homem. Dir-se-ia que cada coisa, tendo abdicado de seu modelo, reduzida a suas linhas mais duras esbofeteia-nos e golpeia-nos pelas costas. A ausência de outrem, nós a sentimos quando damos uma topada, instantes em que nos é revelada a velocidade estupidificante de nossos gestos. “A nudez é um luxo que só o homem calorosamente cercado pela multidão de seus semelhantes pode se oferecer sem perigo. Para Robinson, enquanto não tivesse mudado de alma, seria uma provação de uma mortífera temeridade. Despojado de seus pobres fardos — usados, dilacerados, maculados, mas saídos de vários milênios de civilização e impregnados de humanidade —, sua carne era oferecida vulnerável e branca à irradiação dos elementos brutos<sup>7</sup>.” Não há mais transições; acabou-se a doçura das contigüidades e das semelhanças que nos permitiam habitar o mundo. Mais nada subsiste além das profundidades infranqueáveis, das distâncias e das diferenças absolutas ou então, ao contrário, de insuportáveis repetições, assim como extensões exatamente superpostas.

Comparando os primeiros efeitos de sua presença e de sua ausência, podemos dizer o que é outrem. O engano das teorias filosóficas é reduzi-lo ora a um objeto particular, ora a um outro sujeito (e mesmo uma concepção como a de Sartre do *L'Être et le Néant*, que se contentava em reunir as duas determinações, fazendo de outrem um objeto sob meu olhar que me olhe, por sua vez, e me transforme em objeto). Mas outrem não é nem um objeto no campo de minha percepção, nem um sujeito que me percebe: é, em primeiro lugar, uma estrutura do campo perceptivo, sem a qual este campo no seu conjunto não funcionaria como o faz. Que esta estrutura seja efetuada por personagens reais, por sujeitos variáveis, eu para vós e vós para mim, não impede que ela preexista como condição de organização em geral aos termos

6. p. 47.

7. p. 27.

que a atualizam em cada campo perceptivo organizado — o vosso, o meu. Assim, *Outrem — a priori* como estrutura absoluta, funda a relatividade dos outrem como termos efetuando a estrutura em cada campo. Mas qual é esta estrutura? É a do possível. Um semblante assustado é a expressão de um possível mundo assustador ou de alguma coisa de assustador no mundo que ainda não vejo. Compreendemos que o possível não é aqui uma categoria abstrata designando alguma coisa que não existe: o mundo possível expresso existe perfeitamente, mas não existe (atualmente) fora do que o exprime. O semblante terrificado não se parece com a coisa terrificante, ele a implica, a envolve como algo de diferente, numa espécie de torção que põe o expresso no exprimente. Quando apreendo, por minha vez e por conta própria, a realidade do que outrem exprimia, não faço nada mais do que explicar outrem, desenvolver e realizar o mundo possível correspondente. É verdade que outrem já dá uma certa realidade aos possíveis que envolve: falando, precisamente. Outrem é a existência do possível envolvido. A linguagem é a realidade do possível enquanto tal. O eu é o desenvolvimento, a explicação dos possíveis, seu processo de realização no atual. De Albertine percebida ao longe, Proust diz que envolve ou exprime a praia e a arrebentação das ondas: “Se ela me tivesse visto, o que é que eu poderia ter representado para ela? Do seio de que universo ela me distinguiria?” O amor, o ciúme, serão a tentativa de desenvolver, de desdobrar este mundo possível chamado Albertine. Em suma, outrem como estrutura, é a expressão de um mundo possível, é o expresso apreendido como não existindo ainda fora do que o exprime. “Cada um destes homens era um mundo possível, bastante coerente, com seus valores, seus focos de atração e repulsão, seu centro de gravidade. Por mais diferentes que fossem uns dos outros, estes possíveis tinham atualmente em comum uma pequena imagem da ilha — quão sumária e superficial! — em torno da qual se organizavam e num canto da qual se encontravam um naufrago chamado Robinson e seu servidor mestiço. Mas, por mais central que fosse esta imagem, ela era em cada qual marcada com o signo do provisório, do efêmero, condenada a voltar no mais breve prazo para o nada de onde a retirara o naufrágio ocidental do Whitebird. E cada um desses mundos possíveis proclamava ingenuamente sua realidade. Isso é que era outrem: um possível que se obstina em passar por real”<sup>8</sup>.

Podemos compreender melhor os efeitos da presença de outrem. A psicologia moderna elaborou uma rica série de categorias que explicam o funcionamento do campo per-

8. p. 192.

ceptivo e das variações de objetos neste campo: forma-fundo, profundidade-comprimento, tema-potencialidade perfis-unidade de objeto, franja-centro, texto-contexto, tético-não-tético, estados transitivos-partes substantivas etc. Mas o problema filosófico correspondente não está, ao que parece, bem colocado: pergunta-se se essas categorias pertencem ao próprio campo perceptivo e lhe são imanentes (monismo), ou se remetem a sínteses subjetivas exercendo-se sobre uma matéria da percepção (dualismo). Estaríamos enganados se recusássemos a interpretação dualista sob o pretexto de que a percepção não se faz por meio de uma síntese intelectual ajuizadora; podemos evidentemente conceber sínteses passivas sensíveis de um tipo bem diferente, exercendo-se sobre uma matéria (Husserl, neste sentido, nunca renunciou a um certo dualismo). Mas, mesmo assim, duvidamos de que o dualismo esteja bem definido enquanto o estabelecermos entre uma matéria do campo perceptivo e sínteses pré-reflexivas do eu. O verdadeiro dualismo encontra-se alhures: entre os efeitos da "estrutura Outrem" no campo perceptivo e os efeitos de sua ausência (o que seria a percepção se não houvesse outrem). É preciso compreender que outrem não é uma estrutura entre outras no campo da percepção (no sentido em que, por exemplo, reconhecer-lhe-íamos uma diferença de natureza com relação aos objetos). Ele é a estrutura que condiciona o conjunto do campo e o funcionamento deste conjunto, tornando possível a constituição e a aplicação das categorias precedentes. Não é o eu, é outrem como estrutura que torna a percepção possível. São pois os mesmos autores que interpretam mal o dualismo e que não escapam da alternativa segundo a qual outrem seria ou um objeto particular no campo ou então um outro sujeito de campo. Definindo outrem, segundo Tournier, com a expressão de um mundo possível, fazemos dele, ao contrário, o princípio *a priori* da organização de todo campo perceptivo segundo as categorias, fazemos dele a estrutura que permite o funcionamento assim como a "categorização" deste campo. O verdadeiro dualismo aparece então com a ausência de outrem: o que ocorre, neste caso, para o campo perceptivo? Será que é estruturado segundo outras categorias? ou, ao contrário, abre-se sobre uma matéria muito especial, fazendo-nos penetrar em um informal particular? Eis a aventura de Robinson.

A tese, a hipótese-Robinson, tem uma grande vantagem: apresenta-nos como devido às circunstâncias da ilha deserta o desaparecimento progressivo da estrutura Outrem. Certamente, ela sobrevive e funciona ainda, muito tempo depois que Robinson, na ilha, não mais encontra termos atuais ou personagens para efetuá-la. Mas vem o momen-



to em que tudo acaba: “Os faróis desapareceram de meu campo. Nutrida por minha fantasia, durante muito tempo ainda sua luz chegou até mim. Agora, acabou-se, as trevas me envolvem”<sup>9</sup>. E quando Robinson reencontrar Sexta-feira, nós o veremos, não é mais como outrem que o encontrará. E quando, no final, chega um navio na ilha, Robinson saberá que não pode mais restaurar os homens em sua função de outrem, uma vez que a própria estrutura que preencheriam desapareceu: “Era isto outrem: um possível que se obstina em passar por real. E que seja cruel, egoísta, imoral negar esta exigência, é o que toda sua educação havia inculcado a Robinson mas que ele esquecera durante todos esses anos de solidão e ele perguntava agora se chegaria algum dia a retomar o hábito perdido”<sup>10</sup>. Ora, esta dissolução progressiva mas irreversível da estrutura não é o que o perverso atinge por outros meios, na sua “ilha” interior? Para falar como Lacan, a “perempção” de outrem faz com que os outros não sejam mais apreendidos como outrem, uma vez que inexiste a estrutura que poderia dar-lhes este lugar e esta função. Mas não é, assim, todo o nosso mundo percebido que se desmorona? Em proveito de outra coisa?...

Voltemos, por conseguinte, aos efeitos da presença de outrem, tais como decorrem da definição “outrem-expressão de um mundo possível”. O efeito fundamental é a distinção de minha consciência e de seu objeto. Esta distinção decorre com efeito da estrutura Outrem. Povoando o mundo de possibilidades, de fundos, de franjas, de transições, — inscrevendo a possibilidade de um mundo espantoso quando ainda não estou espantado ou então, ao contrário, a possibilidade de um mundo tranquilizante quando, eu, me encontro realmente assustado com o mundo, — envolvendo sob outros aspectos o mesmo mundo que se mantém diferentemente desenvolvido diante de mim, — constituindo no mundo um conjunto de bolhas que contêm mundos possíveis: eis o que é outrem<sup>11</sup>. A partir daí, outrem faz com que minha consciência caia necessariamente em um “eu era”, em um passado que não coincide mais com o objeto. Antes que outrem apareça, havia por exemplo um mundo tranquilizan-

9. p. 47.

10. pp. 192, 193.

11. A concepção de Tournier comporta evidentemente ecos leibnizianos (a mônada como expressão de mundo), mas também ecos sartrianos. A teoria de Sartre em *L'Être et le Néant* é a primeira grande teoria de outrem, porque ultrapassa a alternativa: outrem é um objeto (ainda que fosse um objeto particular no campo perceptivo) ou então é sujeito (ainda que fosse um outro sujeito para um outro campo perceptivo)? Sartre aqui é precursor do estruturalismo, pois ele é o primeiro a ter considerado outrem como estrutura própria ou especificidade irredutível ao objeto e ao sujeito. Mas como ele definia esta estrutura pelo “olhar”, caía de novo nas categorias de objeto e de sujeito, fazendo de outrem aquele que me constitui como objeto quando me olha, pronto para se converter em objeto quando o olho. Parece que a estrutura. Outrem precede o olhar; este marca antes o instante em que alguém vem preencher a estrutura; o olhar não faz mais do que efetuar, atualizar uma estrutura que deve ser definida independentemente.

te, do qual não distinguíamos minha consciência; outrem surge, exprimindo a possibilidade de um mundo assustador, que não é desenvolvido sem fazer passar o precedente. Eu nada sou além dos meus objetos passados, meu eu não é feito senão de um mundo passado, precisamente aquele que outrem faz passar. Se outrem é um mundo possível, *eu* sou um mundo passado. E todo o erro das teorias do conhecimento é o de postular a contemporaneidade do sujeito e do objeto, enquanto que um não se constitui a não ser pelo aniquilamento do outro. “De repente se produz um desligamento. O sujeito se arranca do objeto, despojando-o de uma parte de sua cor e de seu peso. Alguma coisa arrebentou no mundo e todo um conjunto de coisas se desmorona convertendo-se em mim. Cada objeto é desqualificado em proveito de um sujeito correspondente. A luz se torna olho e não existe mais como tal: ela não é mais do que excitação da retina. O odor torna-se narina — e o próprio mundo se revela inodoro. A música do vento nas árvores é refutada: não era mais do que um abalo de tímpano. . . O sujeito é um objeto desqualificado. Meu olho é o cadáver da luz, da cor. Meu nariz é tudo o que resta dos odores quando sua irrealdade foi demonstrada. Minha mão refuta a coisa que segura. O problema do conhecimento nasce, então, de um anacronismo. Ele implica a simultaneidade do sujeito e do objeto, cujas misteriosas relações gostaria de esclarecer. Ora, o sujeito e o objeto não podem coexistir, uma vez que são a mesma coisa, primeiro integrada ao mundo real, depois jogada fora como rebotalho<sup>12</sup>.” Outrem assegura, por conseguinte, a distinção da consciência e de seu objeto, como distinção temporal. O primeiro efeito de sua presença concernia ao espaço e à distribuição das categorias da percepção; mas o segundo efeito, talvez mais profundo, concerne ao tempo e à distribuição de suas dimensões, do precedente e do seguinte no tempo. Como haveria ainda um passado quando outrem não funciona mais?

Na ausência de outrem, a consciência e seu objeto não fazem mais do que um. Não há mais possibilidade de erro: não simplesmente porque outrem não está mais lá, constituindo o tribunal de toda realidade, para discutir, infirmar ou verificar o que acredito ver, mas porque, faltando em sua estrutura, ele deixa a consciência colar ou coincidir com o objeto num eterno presente. “Dir-se-ia, por conseguinte, que meus dias se endireitaram. Não mais oscilam uns sobre os outros. Mantêm-se de pé, verticais e se afirmam orgulhosamente em seu valor intrínseco. E como não são mais diferenciados pelas etapas sucessivas de um plano em vias de

12. pp. 82-84.

execução, eles se parecem a tal ponto que se superpõem exatamente em minha memória e que me parece viver sem cessar o mesmo dia <sup>13</sup>." A consciência deixa de ser uma luz sobre os objetos para se tornar uma pura fosforescência das coisas em si. Robinson não é senão a consciência da ilha, mas a consciência da ilha é a consciência que a ilha tem dela mesma e é a ilha nela mesma. Compreende-se então o paradoxo da ilha deserta: o naufrago, se é único, se perdeu a estrutura-outrem, em nada rompe o deserto da ilha, antes o consagra. A ilha se chama Speranza, mas o Eu quem é? "A questão está longe de ser ociosa e nem é insolúvel, pois se ele não é Eu, Eu só pode ser Speranza <sup>14</sup>." Eis que progressivamente Robinson se aproxima de uma revelação: a perda de outrem, ele o experimentara primeiro como uma perturbação fundamental do mundo; nada mais subsistia além da oposição da luz e da noite, tudo se fazia contundente, o mundo tinha perdido suas transições e suas virtualidades. Mas ele descobre (lentamente) que é outrem, ao contrário, que perturbava o mundo. Era ele a perturbação. Outrem desaparecido não são mais somente os dias que se retificam. São as coisas também que não são mais baixadas umas sobre as outras. É também o desejo não mais baixando sobre um objeto ou um mundo possível expresso por outrem. A ilha deserta entra numa retificação, numa ereção generalizada.

A consciência não se tornou somente uma fosforescência interior às coisas, mas um fogo nas suas cabeças, uma luz acima de cada uma, um "Eu voador". Nesta luz aparece *outra coisa*: um duplo aéreo de cada coisa. "Parecia-me entrever, durante um breve instante, uma outra ilha escondida... Esta outra Speranza, para aí fui transportado agora, aí me instalei num momento de inocência <sup>15</sup>." É isto que o romance descreve de maneira excelente: em cada caso, o extraordinário nascimento do duplo erigido. Ora, qual é exatamente a diferença entre a coisa tal como aparece em presença de outrem e o duplo que tende a se destacar em sua ausência? É que outrem presidia à organização do mundo em objetos e às relações transitivas entre estes objetos. Os objetos não existiam senão pelas possibilidades com as quais outrem povoava o mundo; cada qual não se fechava sobre si, não se abria sobre outros objetos a não ser em função dos mundos possíveis expressos por outrem. Em suma: outrem é quem aprisionava os elementos no limite dos corpos e, mais ao longe, nos limites da terra. Pois a própria terra nada mais é do que o grande corpo que retém os elementos. A terra não é terra a não ser povoada de outrem. Outrem é quem fabrica os corpos com

13. p. 176.

14. p. 175.

15. p. 177.

elementos, os objetos com corpos, assim como fabrica seu próprio semblante com os mundos que exprime. O duplo liberado, quando outrem se desmorona, não é, pois, uma réplica das coisas. O duplo, ao contrário, é a imagem endireitada em que os elementos se liberam e se retomam, todos os elementos tornados celestes e formando mil figuras caprichosas elementares. E primeiro a figura de um Robinson solar e desumanizado: "Sol, estás contente comigo? Olha-me. Minha metamorfose vai bastante no sentido de tua chama? Desapareceu minha barba, cujos pêlos vegetavam em direção da terra, como radículas geotrópicas. Em compensação, minha cabeleira enrola seus cachos ardentes como um braseiro voltado para o céu. Sou uma flecha dirigida para o teu foco..."<sup>16</sup> Tudo se passa como se a terra inteira tentasse escapar-se pela ilha, não somente restituindo os outros elementos que retinha indevidamente sob a influência de outrem, mas traçando por si mesma seu próprio duplo aéreo que a torna, por sua vez, celeste, que a faz concorrer com os outros elementos no céu e para as figuras solares. Em suma, outrem é o que, envolvendo os mundos possíveis, impedia os duplos de se endireitarem. Outrem era o grande abaixador. Tanto que a des-estruturação de outrem não é uma desorganização do mundo, mas uma organização-de pé por oposição à organização deitada, o endireitamento, a circunscrição de uma imagem vertical e sem espessura; depois, de um elemento puro enfim liberado.

Foram necessárias catástrofes para esta produção dos duplos e dos elementos: não somente os ritos do grande bode morto, mas uma formidável explosão, em que a ilha largou todo seu fogo e vomitou-se a si mesma através de uma de suas cavernas. Mas, através das catástrofes, o desejo retificado aprende qual é seu verdadeiro objeto. A natureza e a terra já não nos diziam que o objeto do desejo não é o corpo nem a coisa, mas somente a Imagem? E quando desejávamos o próprio Outrem, sobre o que incidia nosso desejo senão sobre este pequeno mundo possível expresso que outrem havia cometido o engano de envolver dentro de si ao invés de deixá-lo flutuar e voar acima do mundo, desenvolvido como um duplo glorioso? E quando contemplamos esta borboleta que saqueia uma flor que reproduz exatamente o abdômen de sua fêmea e que vai embora levando em sua cabeça dois bicos de pólen, percebemos que os corpos não são mais do que desvios para atingir as Imagens e que a sexualidade realiza tanto melhor e mais prontamente seu fim quanto mais economiza este desvio, dirige-se diretamente às Imagens e, finalmente, aos elementos liberados dos corpos<sup>17</sup>. A conju-

16. p. 175.

17. Cf. pp. 100 e 111.

gação da libido com os elementos, tal é o desvio de Robinson; mas toda a história deste desvio quanto aos fins é também a "retificação" das coisas, da terra e do desejo.

Quantas dificuldades foram necessárias para se chegar até aí, quantas aventuras romanescas. Pois a primeira reação de Robinson foi o desespero. Ele exprime exatamente este momento da neurose em que a estrutura Outrem funciona ainda, embora não haja mais ninguém para preenchê-la, efetuar-la. De uma certa maneira, ela funciona tanto mais rigorosamente quanto não é mais ocupada por seres reais. Os outros não estão mais ajustados à estrutura; esta funciona no vazio, tanto mais exigente por isso mesmo. Ela não cessa de rejeitar Robinson em um passado pessoal não-reconhecido, nas armadilhas da memória e nas dores da alucinação. Este momento da neurose (em que é Robinson inteirinho que se acha "rejeitado") encarna-se no *chiqueiro*, que Robinson partilha com os porcos: "Somente seus olhos, seu nariz e sua boca afloravam no tapete flutuante das gotículas de água e dos ovos de sapo. Liberado de todos os seus vínculos terrestres, ele seguia, num devaneio abobalhado, fiapos de lembranças que, retornando de seu passado, dançavam no céu nos cordões das folhas imóveis"<sup>18</sup>.

O segundo momento, contudo, mostra que a estrutura Outrem começa a se esboroar. Libertando-se do chiqueiro, Robinson procura um substituto de outrem, capaz de manter, apesar de tudo, o hábito que outrem dava às coisas: a ordem, o trabalho. A ordenação do tempo pela clepsidra, a instauração de uma produção superabundante, o estabelecimento de um código de leis, a multiplicidade dos títulos e funções oficiais de que Robinson se encarrega, tudo isto dá testemunho de um esforço para repovoar o mundo de outros que são ainda ele mesmo e para manter os efeitos da presença de outrem quando a estrutura abre falência. Mas a anomalia se faz sentir: enquanto o Robinson de Defoe se proíbe de produzir além de sua necessidade, pensando que o mal começa com o excesso da produção, o de Tournier se lança em uma produção "frenética", o único mal consistindo em consumir, na medida em que sempre consumimos sozinhos e para nós mesmos. E, paralelamente a esta atividade de trabalho, como correlato necessário, desenvolve-se uma estranha paixão de distensão e de sexualidade. Detendo por vezes sua clepsidra, habituando-se à noite sem fundo de uma caverna, untando seu corpo com leite, Robinson mergulha até o centro interior da ilha e encontra um alvéolo um que consegue se enrodilhar, que é como o envelope larvar de seu próprio corpo. Regressão mais fantástica que a da neurose, pois que remonta à Terra-Mãe, à Mãe primordial: "Ele era

18. p. 34.

esta pasta mole apanhada em um monte de pedra, era esta fava, tomada na carne maciça e inabalável de Speranza”<sup>19</sup>. Enquanto o trabalho conservava a forma de objetos como uma porção de vestígios acumulados, a involução renuncia a todo objeto formado em proveito de um interior da Terra e de um princípio de enterramento. Temos, porém, a impressão de que as duas condutas assim tão diferentes são singularmente complementares. De uma e de outra parte há frenesi, duplo frenesi definindo o momento da psicose e que aparecia, evidentemente, no retorno à Terra e à genealogia Cósmica do esquizofrênico, mas não menos já no trabalho, na produção de objetos esquizofrênicos inconsumíveis, procedendo por amontoamento e acumulação<sup>20</sup>. Aqui é, pois, a estrutura Outrem que tende ela própria a se dissolver: o psicótico tenta aliviar a ausência dos outrem reais instaurando uma ordem de vestígios humanos e à dissolução da estrutura organizando uma filiação sobre-humana.

Neurose e psicose são a aventura da profundidade. A estrutura Outrem organiza a profundidade e pacifica-a, torna-a possível de ser vivida. Da mesma forma as perturbações desta estrutura implicam um desregramento, um enlouquecimento da profundidade, como um retorno agressivo do sem-fundo que não podemos mais conjurar. Tudo perdeu sentido, tudo se torna *simulacro e vestígio*, mesmo o objeto do trabalho, mesmo o ser amado, mesmo o mundo em si mesmo e o eu no mundo... A menos, contudo, que haja uma salvação de Robinson. A menos que Robinson invente uma nova dimensão ou um terceiro sentido para a expressão “perda de outrem”. A menos que a ausência de outrem e a dissolução de sua estrutura não desorganizem simplesmente o mundo, mas abram ao contrário uma possibilidade de salvação. É preciso que Robinson volte à superfície, que descubra as superfícies. A superfície pura é, talvez, o que outrem nos escondia. É talvez na superfície, assim como um vapor, que uma imagem desconhecida das coisas se determina e, da terra, uma nova figura enérgica, uma energia superficial sem outrem possível. Pois o céu não significa, em absoluto, uma altura que seria somente o inverso da profundidade. Na sua oposição com a terra profunda, o ar e o céu são a descrição de uma superfície pura e sobrevôo do campo desta superfície. O céu solipsista não tem profundidade: “Estranho preconceito que valoriza cegamente a profundidade em detrimento da superfície e que pretende que superficial significa não de vasta dimensão, mas pouca profundidade, enquanto

19. p. 91.

20. Cf. as páginas de Henri Michaux descrevendo uma mesa fabricada por um esquizofrênico, *Les Grandes Épreuves de l'esprit*, Gallimard, p. 156 e s. A fabricação por Robinson de um barco transportável não deixa de ter analogia com isto.

profundo significa, ao contrário, de grande profundidade e não de fraca superfície. E, contudo, um sentimento como o amor se mede bem melhor, ao que parece, se é verdade que pode ser medido, pela importância de sua superfície do que por seu grau de profundidade. . .”<sup>21</sup> Na superfície, primeiro se levantam estes duplos ou estas Imagens aéreas; depois, no sobrevôo celeste do campo, estes Elementos puros e liberados. A ereção generalizada é a das superfícies, sua retificação, outrem desaparecido. Então os simulacros sobem e convertem-se em *fantasmas*, na superfície da ilha e no vôo sobre o céu. Duplos sem semelhança e elementos sem constrangimento são os dois aspectos do fantasma. Esta reestruturação do mundo é a grande Saúde de Robinson, a conquista da grande Saúde ou o terceiro sentido de “perda de outrem”.

É aí que intervém Sexta-feira. Pois o personagem principal, como diz o título, é Sexta-feira, o jovem. Somente ele pode guiar e acabar a metamorfose começada por Robinson e lhe revelar seu sentido, o objetivo. Tudo isto, inocentemente, superficialmente. É Sexta-feira que destrói a ordem econômica e moral instaurada por Robinson na ilha. É ele que faz Robinson deixar de gostar da encosta, tendo feito crescer, segundo seu próprio prazer, uma outra espécie de mandrágora. É ele que faz explodir a ilha, fumando o tabaco proibido perto de um barril de pólvora e restitui ao céu, a terra, assim como as águas e o fogo. É ele que faz voar e cantar o bode morto (= Robinson). Mas é ele sobretudo que apresenta a Robinson a imagem do duplo pessoal, como complemento necessário da imagem da ilha: “Robinson vira e revira esta questão consigo mesmo. Pela primeira vez ele entrevê claramente, sob o mestiço grosseiro e estúpido que o irrita, a existência possível de um *outro* Sexta-feira — como suspeitou outrora, bem antes de descobrir a caverna e a encosta, uma *outra* ilha, escondida sob a ilha administrada”<sup>22</sup>. Enfim, é ele que conduz Robinson à descoberta dos Elementos livres, mais radicais que as Imagens ou os Duplos, pois que os formam. Que dizer de Sexta-feira, senão que é travesso e moleque, mas apenas na superfície? Robinson não deixará de ter sentimentos ambivalentes a seu respeito, só o salvando por acaso, graças a um erro de tiro, quando, na realidade, queria matá-lo.

Mas o essencial é que Sexta-feira não funciona em absoluto como um outrem reencontrado. É muito tarde, pois a estrutura desapareceu. Ora ele funciona como um objeto insólito, ora como um estranho cúmplice. Robinson trata-o ora como um escravo que procura integrar à ordem econômica

21. pp. 58-59.

22. p. 149.

da ilha, pobre simulacro, ora como o detentor de um segredo novo que ameaça a ordem, misterioso fantasma. Ora quase como um objeto ou um animal, ora como se Sexta-feira fosse um além de si mesmo, um além de Sexta-feira, o duplo ou a imagem de si. Ora aquém de outrem, ora além. A diferença é essencial. Pois outrem, no seu funcionamento normal, exprime um mundo possível; mas este mundo possível existe em nosso mundo e, se não é desenvolvido ou realizado sem mudar a qualidade de nosso mundo, ele o é, pelo menos, segundo leis que constituem a ordem do real em geral e a sucessão do tempo. Sexta-feira funciona bem diferentemente, ele que indica um *outro* mundo suposto verdadeiro, um duplo irreduzível unicamente verdadeiro e neste outro mundo um duplo de outrem que ele não é mais, que não pode mais ser. Não um outrem, mas um outro do outrem. Não uma réplica, mas um Duplo: o revelador dos elementos puros, aquele que dissolve os objetos, os corpos e a terra. "Parecia que (Sexta-feira) pertencia a um outro reino, em oposição ao reino telúrico de seu senhor sobre o qual ele tinha efeitos devastadores por pouco que tentássemos aprisioná-lo aí." Eis por que ele não é nem mesmo para Robinson objeto de desejo. Robinson pode muito bem envolver seus joelhos, contemplar seus olhos, ele o faz só para apreender seu duplo luminoso que quase não retém mais do que os elementos livres escapados de seu corpo. "Ora, tratando-se de minha sexualidade, dou-me conta de que nem uma só vez Sexta-feira despertou em mim uma tentação sodomita. O que se explica, em primeiro lugar, porque ele chegou muito tarde: minha sexualidade já se tornara elementar e era para Speranza que ela se dirigia... Não se tratava para mim de regredir em direção e amores humanos, mas de mudar de elemento sem sair do elementar." Outrem *baixa*: baixa os elementos na terra, a terra em corpos, os corpos em objetos. Mas Sexta-feira, inocentemente, endireita de novo os objetos e os corpos, leva a terra até o céu, libera os elementos. Endireitar de novo, retificar é também encurtar. Outrem é um estranho desvio, ele baixa meus desejos sobre os objetos, meus amores sobre os mundos. A sexualidade não está ligada à geração a não ser em um tal desvio que faz passar por outrem primeiro a diferença dos sexos. É primeiro em outrem, por outrem, que a diferença dos sexos é fundada, estabelecida. Instaurar o mundo sem outrem, reendireitar o mundo (como Sexta-feira o faz ou antes como Robinson percebe que Sexta-feira o faz), é evitar o desvio. É separar o desejo de seu *objeto*, de seu desvio por um corpo, para referi-lo a uma *causa* pura: os Elementos. "Desapareceram os andaimes de instituições e de mitos que permitem ao desejo tomar corpo, no duplo sentido da palavra, isto é, de se dar uma forma



definida e fundir um corpo feminino<sup>23</sup>". Robinson não pode mais apreender-se a si mesmo ou apreender Sexta-feira, do ponto de vista de um sexo diferenciado. A psicanálise está livre para ver nesta abolição do desvio, nesta separação da causa do desejo com relação ao objeto, neste retorno aos elementos, o signo de um instinto de morte — instinto tornado solar.

Tudo é aqui romanesco, inclusive a teoria, que se confunde com uma ficção necessária: uma certa teoria de outrem. Devemos primeiro conceder a maior importância à concepção de outrem como estrutura: não "forma" particular em um campo perceptivo (distinta da forma "objeto" ou da forma "animal"), mas sistema condicionando o funcionamento do conjunto do campo perceptivo em geral. Devemos pois distinguir *Outrem a priori*, que designa esta estrutura e *este-outrem-aqui, aquele-outrem-lá*, que designam os termos reais efetuando a estrutura neste ou naquele campo. Se este outrem aqui é sempre alguém, eu para vós, vós para mim, isto é, em cada campo perceptivo o sujeito de um outro campo, outrem *a priori*, em compensação, não é ninguém, pois a estrutura é transcendente aos termos que a efetuam. Como defini-la? A expressividade que define a estrutura Outrem é constituída pela categoria do possível. Outrem *a priori* é a *existência* do possível em geral: na medida em que o possível existe somente como expresso, isto é, em um exprimente que não se parece a ele (torção do expresso no exprimente). Quando o herói de Kierkegaard reclama: "possível, possível, por favor, senão sufoco", quando James reclama o "oxigênio da possibilidade", nada mais fazem do que invocar Outrem *a priori*. Tentamos mostrar neste sentido como outrem condicionava o conjunto do campo perceptivo, a aplicação a este campo das categorias do objeto percebido e das dimensões do sujeito que percebe, enfim, a distribuição dos outrem particulares em cada campo. Com efeito, as leis da percepção para a constituição de objetos (forma-fundo etc.), para a determinação temporal do sujeito, para o desenvolvimento sucessivo dos mundos, pareceram-nos depender do possível como estrutura Outrem. Mesmo o desejo, quer seja desejo de objeto ou desejo de outrem, depende da estrutura. Não desejo objeto a não ser como expresso por outrem no modo do possível; não desejo em outrem senão os mundos possíveis que exprime. Outrem aparece como o que organiza os Elementos em Terra, a terra em corpos, os corpos em objetos e que regula e mede ao mesmo tempo o objeto, a percepção e o desejo.

Qual é o sentido da ficção "Robinson"? Que é uma robinsonada? Um mundo sem outrem. Tournier supõe que

através de muitos sofrimentos Robinson descobre e conquista uma grande Saúde, na medida em que as coisas acabam por se organizar bem diferentemente do que o fariam com outrem presente, porque liberam uma imagem sem semelhança, um duplo delas próprias ordinariamente recalçado e que este duplo, por sua vez, libera puros elementos ordinariamente prisioneiros. Não é o mundo que é perturbado pela ausência de outrem, ao contrário, é o duplo glorioso do mundo que se acha escondido por sua presença. Eis a descoberta de Robinson: descoberta da superfície, do além elementar, do Outro para Outrem. Então por que a impressão de que esta grande Saúde é perversa, que esta “retificação” do mundo e do desejo é também desvio, perversão? Robinson, contudo, não tem nenhum comportamento perverso. Mas qualquer estudo sobre a perversão, qualquer romance sobre a perversão esforça-se por manifestar a existência de uma “estrutura perversa” como princípio do qual os comportamentos perversos decorrem eventualmente. Neste sentido a estrutura perversa pode ser considerada como aquela que se opõe à estrutura Outrem e se substitui a ela. E da mesma forma como os outrem concretos são termos atuais e variáveis efetuando esta estrutura — outrem, os comportamentos do perverso, sempre pressupondo uma ausência fundamental de outrem, são somente termos variáveis efetuando a estrutura perversa.

Por que tem o perverso a tendência para se imaginar um anjo radioso, de hélio e de fogo? Por que ele tem, ao mesmo tempo, contra a *terra*, contra a fecundação e os objetos de desejo, este ódio que encontramos já sistematizado em Sade? O romance de Tournier não se propõe explicar, mas mostra. Por aí ele reencontra, com a ajuda de meios bem diferentes, os estudos psicanalíticos recentes que parecem dever renovar o estatuto do conceito de perversão e primeiro fazem com que ele saia desta incerteza moralizante em que era mantido pela psiquiatria e o direito reunidos. Lacan e sua escola insistem profundamente: sobre a necessidade de compreender os comportamentos perversos a partir de uma *estrutura* e de definir esta estrutura que condiciona os próprios comportamentos; sobre a maneira pela qual o desejo sofre uma espécie de *deslocamento* nesta estrutura e pela qual a *Causa* do desejo se destaca assim do *objeto*; sobre a maneira pela qual a *diferença dos sexos* é desautorada pelo perverso, em proveito de um mundo andrógino dos *duplos*; sobre a anulação de outrem na perversão, sobre a posição de um “além do Outro” ou de um Outro de outrem, como se outrem desprendesse aos olhos do perverso sua própria *metáfora*; sobre a “dessubjetivação” perversa — pois é cer-

to que nem a vítima nem o cúmplice funcionam como outros<sup>24</sup>. Por exemplo, não é porque ele queira, não porque deseje fazer sofrer o outro que o sádico o destitui de sua qualidade de outro. É o inverso, é porque ele carece da estrutura Outrem, e vive sob uma outra estrutura servindo de condição a seu mundo vivo, que apreende os outros seja como vítimas seja como cúmplices, mas em nenhum dos dois casos não os apreende como outrem, sempre ao contrário como Outros do que outrem. Aí, ainda, é chocante ver em Sade até que ponto as vítimas e os cúmplices, com sua reversibilidade necessária, não são em absoluto captados como outrem: mas ora como corpos detestáveis, ora como duplos ou Elementos aliados (não sobretudo duplos do herói, mas duplos de si mesmos, sempre saídos de seu corpo à conquista dos elementos atômicos)<sup>25</sup>.

O contra-senso fundamental sobre a perversão consiste, em razão de uma fenomenologia apressada dos comportamentos perversos, em virtude também das exigências do direito, relacionar a perversão a certas ofensas feitas a outrem. E tudo nos persuade, do ponto de vista do comportamento, de que a perversão não é nada sem a presença de outrem: o voyeurismo, o exibicionismo etc. Mas, do ponto de vista da estrutura, é preciso dizer o contrário: é porque a estrutura Outrem falta, substituída por uma outra estrutura, que os "outros" reais não podem mais desempenhar o papel de termos efetuando a primeira estrutura desaparecida, mas somente, na segunda, o papel de corpos vítimas (no sentido muito particular que o perverso atribui aos corpos) ou o papel de cúmplices-duplos, cúmplices-elementos (aí ainda no sentido muito particular do perverso). O mundo do perverso é um mundo sem outrem, logo, um mundo sem possível. Outrem é o que possibilita. O mundo perverso é um mundo em que a categoria do necessário substitui completamente a do possível: estranho spinozismo em que falta o oxigênio, em proveito de uma energia mais elementar e de um ar rarefeito (o Céu-Necessidade). Toda perversão é um outrem-cídio, um altruicídio e, por conseguinte, um assassinio dos possíveis. Mas o altruicídio não é cometido pelo comportamento perverso, mas sim suposto na estrutura perversa. O

24. Cf. a coletânea *Le Désir et la Perversion*, ed. du Seuil, 1967. O artigo de Guy Rosolato, "Estudo das perversões sexuais a partir do feticchismo", apresenta observações muito interessantes, embora talvez um pouco rápidas, sobre a "diferença dos sexos" e sobre o "duplo" (pp. 25-26). O artigo de Jean Clavreul, "O casal perverso", mostra que nem a vítima ou o cúmplice ocupam o lugar de outrem (sobre a "dessubjetivação", cf. p. 110 e sobre a distinção da Causa e do Objeto do desejo, cf., do mesmo autor, "Observações sobre a questão da realidade nas perversões", *La Psychanalyse*, nº 8, p. 290 e s.). Parece que estes estudos, fundados no estruturalismo de Lacan e sua análise da *Verleugnung*, estão em desenvolvimento.

25. Em Sade, o tema constante das combinações de moléculas.

que não impede que o perverso seja perverso não constitucionalmente, mas no desfecho de uma aventura que passou seguramente pela neurose e roçou a psicose. É o que sugere Tournier neste romance extraordinário: é preciso imaginar Robinson perverso; a única robinsonada é a própria perversão.